

PFL monta estratégia para ter maior espaço

Gerson Menezes

Criar ratos políticos novos, de modo a voltar a figurar no noticiário com o mesmo destaque da época em que se aliaram a Tancredo Neves para derrubar a candidatura Paulo Maluf à Presidência da República, é a estratégia montada pelo PFL para ganhar espaço frente ao PMDB, se impôr junto ao governo e tentar conquistar a simpatia da opinião pública. A «espinha dorsal» dessa estratégia é a intensificação das críticas à política econômica «ditada pelo PMDB», ação esta inaugurada ontem mesmo pelo ministro Aureliano Chaves e que já conta até com uma «tropa de choque» disposta a desferir ataques inclusive no plenário do Congresso.

«Nos autoliberamos para exercitar o sagrado direito de criticar», enfatizou ontem o secretário-geral do PFL, deputado Saulo Queiroz (MS), ao se referir à reunião ocorrida na noite de anteontem na residência do ministro Marco Maciel, com toda a cúpula pefelista e destinada mais uma vez a debater (como todas as reuniões recentes) a necessidade de revigoração do PFL. Sintomaticamente, poucas horas depois o ministro Aureliano Chaves aparecia na TV criticando o governo. A «autoliberação» para criticar foi comunicada aos ministros pefelistas presentes à reunião (o único ausente era Abreu Sodré) por três deputados que participaram dos debates: o maranhense Jayme Santana, o cearense Lúcio Alcântara e o próprio Saulo Queiroz, que já avisou que o grupo é bem maior.

Esse revigoração das críticas ao governo coincide com as notícias sobre a «ameaça» de o PFL passar à oposição, uma proposta defendida, entre outros, pelo 1º vice-líder do partido, Inocêncio Oliveira (PE), que no entanto se confessa

«voto vencido». Inocêncio defende que o PFL assuma essa oposição por achar que há uma bancada muito grande de apoio ao governo, o que a seu ver fará com que a Constituinte acabe não refletindo a vontade dos diversos segmentos da sociedade, «mas sim do Palácio do Planalto».

Usada também para pressionar o governo de modo a conquistar mais espaços no poder, essa posição é vista como minoritária, no entanto, não apenas por Inocêncio como por quase toda a cúpula e boa parte dos antigos integrantes do partido. A «ânsia oposicionista» não passaria da «aparência externa» refletida a partir das insatisfações entre os parlamentares, muitos deles por não verem seus interesses fisiológicos atendidos, outros por acharem que o partido se desgasta por assumir uma política econômica «que não é sua» e outros ainda por detectarem «discriminação» de tratamento em relação aos políticos do PMDB, segundo tem constantemente reclamado, por exemplo, o líder José Lourenço (PFL-BA).

Aproveitando essas insatisfações, e diante ainda do flagrante desgaste da política econômica oficial, o PFL, que se caracterizou sempre por discursar mais do que por agir, estaria optando agora por uma ação estratégica mais agressiva. O objetivo seria o de dividir o PMDB e viabilizar uma «recuperação de imagem» dos pefelistas, uma esperança já alimentada por aquele que seria (segundo fontes do próprio PFL) um dos líderes dessa estratégia, o aureliano Saulo Queiroz. Segundo ele, uma das conclusões da reunião na casa de Marco Maciel é de que, com a atual situação do país, o PFL pode estar «perdendo posições de base» (prefeitos e vereadores, por exemplo, que querem sair do partido) «mas a opinião pública quem está perdendo é o PMDB».



Municipalistas já têm «lobby» na Assembléia

Uma reforma tributária e administrativa que proporcione autonomia aos municípios, dando-lhes condições de resolver seus próprios problemas é a principal reivindicação da «Bancada Municipalista» da Constituinte, lobby que já conta com a adesão de onze deputados de diversos estados do país.

A «Bancada Municipalista» está sendo articulada pelos deputados Vasco Alves (PMDB-ES) e Ana Maria Rattes (PMDB-RJ). É apoiada pela Frente Municipalista Brasileira, grupo integrado por prefeitos e vereadores de todo o Brasil, que tem os governadores estaduais como fortes aliados — entre eles, o governador eleito de São Paulo, Orestes Quércia.

Foi a Frente Municipalista Brasileira, aliás, que cedeu um espaço provisório para as reuniões da «bancada», até que seus membros consigam um local para encontro, dentro da Câmara dos Deputados. Esse espaço — uma sala no escritório de São Paulo em Brasília (505 Sul) — será inaugurado amanhã, às 10 horas. Após a inauguração, no mesmo local, haverá uma reunião da diretoria nacional da Frente Municipalista.

Soma

A partir do pressuposto de que a Nação é resultado da soma dos municípios é que a recém-criada «bancada» tentará convencer os demais constituintes da importância da reforma tributária e administrativa. «A Constituição atual nem sequer define claramente as atribuições e competências dos municípios», crítica o deputado Vasco Alves, para quem os municípios, hoje, são submetidos «a mais vil intervenção dos governos federal e estadual».

Vasco Alves considera que a questão democrática também está estritamente relacionada com a questão municipal. Por esse motivo, defende a criação de mecanismos de participação política nos municípios, para que através deles a população possa controlar a vida do estado. «Isso sem falar que, somente quando os municípios forem fortes e respeitados, com recursos suficientes para encaminhar seus problemas é que as reivindicações básicas da sociedade serão resolvidas», complementa o deputado.

Poder

O pensamento do deputado Vasco Alves é compartilhado pela deputada Ana Maria Rattes, que vê a municipalização como a única forma de solucionar as grandes questões nacionais, «que começam nos municípios». Ela entende, ainda, que a reforma tributária e financeira implicará na «descentralização, em uma nova figuração do poder».

Dos onze deputados que aderiram, inicialmente, à «Bancada Municipalista», apenas um é do PFL: o deputado Enoc Vieira, do Maranhão. Além de Ana Maria Rattes e Vasco Alves, os demais, todos do PMDB, são: Irajá Rodrigues (RS), Alexandre Puzina (SC), Airton Sandocal (SP), João Hermann (SP), Renato Viana (SC), Luís Alberto Rodrigues (MG), Manoel Moreira (SP), e Nion Albernaz (GO). Todos já exerceram mandatos de vereador ou de prefeito.

José Jorge crê em aproximação com o Planalto

Recife — O deputado federal José Jorge de Vasconcelos (PFL-PE) disse, ontem, que a tendência do seu partido a partir de agora é se aproximar mais do Governo Federal e não se afastar, como estava sendo defendido, por ele próprio, há 15 dias.

«Está cada dia mais claro — disse — que o Palácio do Planalto só pode contar com uma parcela do PMDB, não mais que 150 dos 250 deputados federais do partido, e o PFL passou a ter muita importância nesse contexto. Será um partido forte na sustentação do governo do presidente Sarney».

Muito ligado ao ministro-chefe do Gabinete Civil, Marco Maciel, José Jorge disse que o seu partido se fortaleceu junto ao Palácio do Planalto em relação ao PMDB em dois episódios: na escolha da liderança na Câmara e na eleição de Ulysses Guimarães.

«Foi o PFL quem garantiu a eleição de Ulysses, atendendo a apelo do presidente Sarney — afirmou. «No início do processo sucessório, o deputado Fernando Lyra tinha quase todos os votos da nossa bancada. Mas no final, quando vimos que o PMDB não ia atender aos apelos do presidente, resolvemos votar em Ulysses. Fernando Lyra não teve mais que 20 votos dos pefelistas».

Ele acha que na hora em que escolheu o seu líder na Câmara, o PFL deu outra demonstração de que deseja se aproximar do presidente: «Se o eleito tivesse sido o José Tomaz Nonô, o partido seria conduzido para uma linha de oposição ao presidente. Mas, na hora em que José Lourenço ganhou com uma votação expressiva, ficou claro que a tendência era outra».

José Jorge citou a entrevista concedida pelo senador do PMDB de Pernambuco, Mansueto de Lavor, pedindo a substituição dos ministros da área econômica, «como um sintoma de que o Planalto não pode confiar em grande parte do PMDB».



Oestrategista

Fiel aliado de Aureliano Chaves e considerado um habilidoso «estrategista partidário» desde quando os liberais se resumiam a um grupo dissidente do PDS disposto a inplodir as pretensões de Paulo Maluf de chegar à Presidência da República, o deputado Saulo Queiroz (MS) estaria à frente (segundo informações colhidas no próprio PFL) de toda a estratégia de «revigoração» do partido.

As últimas ações do parlamentar confirmam amplamente essas versões. Saulo tem tomado a frente das reivindicações em favor da «renovação» do diretório nacional do partido, que implicaria na demissão coletiva de toda a Executiva Nacional, incluindo aí, evidentemente, o presidente licenciado, senador Guilherme Palmeira, mais ligado ao grupo do ministro Marco Maciel e que já declarou-se decidido a não mais continuar à frente do partido. Embora defenda essa renovação, Saulo advoga, ao mesmo tempo, a permanência na Presidência do atual interino, o deputado Maurício Campos (MG). O que constitui numa aparente contradição tem fortes razões «estratégicas», no entanto: com essa proposta, Saulo fortalece sua posição junto às lideranças com as quais atua e ao mesmo tempo assegura o trabalho pela permanência de mais um aureliano na direção partidária, já que Maurício Campos também faz parte do grupo de aliados de Aureliano Chaves.

Saulo tem amenizado as possibilidades de o PFL tornar-se um partido oposicionista, ao mesmo tempo em que assume a frente do grupo que estaria disposto a desferir críticas ferozes contra a atual política econômica, segundo ele de total responsabilidade do PMDB. Ele nega que haja um «estratégia» elaborada para avançar sobre espaços do «parceiro» da Aliança Democrática, mas deixou «escaçar» que Aureliano Chaves «contribuiu» com essa disposição, ao criticar o governo.

Oatirador

Eterno «adversário» do ministro Marco Maciel na disputa pela posição majoritária dentro do partido com vistas a uma possível candidatura à Presidência da República, Aureliano Chaves estaria amplamente identificado com a estratégia de revigorar o PFL através de críticas à atual política econômica, que teria também como um dos principais objetivos a revitalização de sua imagem junto à opinião pública.

Nessa disputa pela condição de «presidenciável», Aureliano é visto por alguns como alguém que leva vantagem sobre Maciel devido à sua maior facilidade de comunicação.

Um parlamentar ligado a Aureliano confidenciou, ontem, que a estratégia que parece ter início agora deve ir até o rompimento com o governo. «O Aureliano acaba de passar pela primeira encruzilhada», comentou, referindo-se às críticas do ministro à política econômica. «Vai enfrentar ainda alguns rios e montanhas nesse caminho para a oposição, mas vai chegar lá», garante ainda o parlamentar, para quem isto é inevitável por não haver mais «espaço» para o PFL no governo, daí por diante.

Em suas pretensões de chegar à Presidência, Aureliano tem aliados dentro e fora do Congresso. Vale-se ainda da ajuda de alguns «coronéis da política», como o ex-ministro Ney Braga, que por sinal, nas últimas eleições, não conseguiu eleger nenhum deputado. O principal «inimigo» no partido seria o ministro Antônio Carlos Magalhães: Aureliano o responsabiliza, até hoje, por ter «enfraquecido» sua posição no antigo PDS, em decorrência de ACM haver levado os governadores do Nordeste a optarem por Mário Andrezza quando o partido se dividia na escolha por um candidato à Presidência da República, que acabou sendo disputada por Maluf.

Quércia pode dividir pefelistas

Roland M. Sierra
especial para o JBr

São Paulo — A aliança, praticamente consumada, do PFL paulista com o governador eleito Orestes Quércia, pode levar de volta aos quadros do PDS uma fatia daquele partido, oriunda exatamente do pedessismo. A previsão é do deputado Sílvio Martini, presidente estadual do PDS, depois de uma estada de duas semanas pelo interior do estado. Martini diz ter sentido essa tendência em conversa com dirigentes municipais e vereadores de seu partido, embora o fenômeno não passe efetivamente de tendência.

Uma parte do PFL paulista surgiu de dissidências dentro do pedessismo, em função da disputa por espaços políticos e eleitorais e como tentativa de se desmarcar o excesso de domínio do ex-governador Paulo Maluf no partido. Mas o adversário comum continuou sendo o PMDB, que acabou se transformando na maior máquina partidária no estado e cujo primeiro governo (Montoro) teria mantido os pedessistas a pão e água, numa ação que foi classificada de «revanchismo» descabido.

Entende o dirigente pedessista que a aliança do PFL com o PMDB de Orestes Quércia agrada apenas a uma parcela dos pefelistas, aquela não oriunda do PDS ou a que receberá «bom tratamento» do novo governo do estado. Mas não sobrará espaço para toda a área do PFL e a facção que vier a ser desfavorecida optará naturalmente pelo retorno ao PDS, com ou sem o predomínio do malufismo. Afinal,

no próximo ano estará deflagrada uma nova campanha eleitoral — a disputa pelas prefeituras e Câmaras de Vereadores — e a quantidade de diretórios e as ambições dos políticos municipais pefelistas dificilmente caberão numa legenda só. Passar para o PMDB é projeto inviável para os que ficarem fora dos favorecidos oficiais, por razões óbvias (o PMDB estará hermeticamente fechado com seus já largos quadros).

Além dessa razão de ordem fisiológica, há a expectativa de que o quadro econômico e social continue por bom tempo em uma escalada de agravamento de dificuldades, o que deve tornar mais fácil e atraente uma campanha eleitoral de cunho nitidamente oposicionista.

Essa expectativa se apoia, entre outros fatores, em recente exposição feita à direção e às novas bancadas federal e estadual do PDS pelo ministro Delfim Netto, que, na medida em que fez projeções nada otimistas para a economia do país, estimulou a direção partidária a se definir por uma linha de «oposição firme, constante e construtiva aos governos federal e estadual, causadores da grave situação que infelicita nossa população, assaltada pela incerteza e pela falta de perspectivas», conforme nota oficial emitida após o referido encontro, a 27 de janeiro.

A questão do predomínio excessivo de Paulo Maluf passaria a um segundo plano, mesmo porque há um movimento para que as bases do PDS caminhem no sentido de manter lealdade ao ex-governador sem se subordinarem completamente a seus projetos pessoais.